

“Operação Produção”

Punir os desvios

Enquanto a «Operação Produção» ganha cada vez mais uma forma mais séria e disciplinada, os improdutivos detectados na fase compulsiva começaram já a ser evacuados para os locais onde serão afectados em tarefas produtivas.

Entretanto, uma série de erros estão a ser cometidos por indivíduos que se aproveitam da situação para satisfazer a sua sede de vingança. Brigadas móveis do Tribunal de Recurso estão a trabalhar e esses oportunistas vão pagar pelos seus crimes.

Texto de Narciso Castanheira • Foto de Danilo Guimarães

Logo nos primeiros dias da fase compulsiva da «Operação Produção», os Centros de Evacuação do Xipamanine e da Machava, para homens e mulheres, respectivamente, registaram uma grande enchente de pessoas provenientes dos Postos de Verificação existentes nos diversos bairros da capital.

A confusão era grande. Entre os que aguardavam a evacuação para zonas produtivas, haviam os que só então se apercebiam da seriedade da operação. Os improdutivos que não se inscreveram voluntariamente na primeira fase do processo, sentiam-se arrependidos por não o terem feito. Em conversa com a nossa reportagem, António Fernando, um dos abrangidos diria com um certo ar preocupado: «Não levei a coisa muito a sério. Andei a brincar e desleixei-me. Bom, agora tenho de ir para onde nem sequer sei o que vou fazer».

Entretanto, outra oportunidade foi dada aos abrangidos pela «Ope-

ração Produção». Aqueles que quisessem, mesmo os detectados na fase compulsiva, poderiam ainda inscrever-se nos centros de evacuação para onde foram encaminhados, escolhendo o local para onde gostariam de ir trabalhar e o tipo de profissão.

Quando isso foi anunciado, em muitos rostos surgiu uma nova esperança. E, reparámos que para grande parte dos verdadeiros improdutivos, essa oportunidade foi um alívio.

No entanto, não faltaram pre-



Uma das brigadas móveis do Tribunal de Recurso, que trabalharam nos centros de evacuação para analisar caso por caso



Mesmo para os improditivos detectados na fase compulsiva da operação, deu-se a oportunidade de escolher o local e o tipo de trabalho que gostariam de desenvolver. Para a maior parte isso foi uma alegria



Os chefes de quarteirão que acusaram injustamente de prostitutas mulheres como as que se vêem na foto, foram detidos para responder pelos seus crimes

guiçosos que tudo tentaram para «escapar», alegando uma série de situações, como por exemplo: «Eu não trabalho num lugar fixo. Vou

fazendo biscates e tenho família para sustentar».

Alguns desses casos foram analisados e foi necessário explicar

que o objectivo da operação é colocar as pessoas em tarefas produtivas fixas, e que não estavam ali como prisioneiros de ninguém.

“PENTE FINO” PARA QUEM?

A orientação está muito clara, sobre a necessidade de limpar as cidades de parasitas que ou sobrecarregam os outros, ou utilizam formas ilícitas de garantir o seu sustento.

Entre os improditivos, há os que chegam a viver em melhores condições do que aqueles que se «esfolam» dia e noite. Esses, os verdadeiros marginais, candongueiros, ladrões, charlatães, etc., como diria alguém com quem conversámos, que ainda andam por aí. Alguns até bem documentados e tudo.

Ninguém lhes toca? O «pente fino» — forma como popularmente é tratada a «operação produção» — ainda vai passar pelos «cabelos sujos e despenteados». Mas quem deve, de facto, denunciar esses parasitas da sociedade, são aqueles com quem eles vivem.

É difícil, para quem não conheça um bairro, saber quem de facto vive honestamente. Os chefes de quarteirão, têm um papel importante neste processo, muito embora alguns não estejam a agir correctamente, talvez porque, como nos diria a senhora Arlinda Cabral, são os candongueiros que lhes fornecem comida.

Todavia, as estruturas competentes estão já alertadas para os diversos casos de irregularidade. E já estão a agir no sentido de neutralizar os seus autores, que devem ser punidos para não tirarem o verdadeiro sentido do processo em curso.

Porque, o «pente fino» é para quem não produz e não para quem apenas não gostamos de ter ao nosso lado por razões pessoais.

N. C

O que descrevemos anteriormente passou-se mais com indivíduos do sexo masculino. Porque com as mulheres a situação é mais delicada e exige uma análise mais profunda dos diversos casos que são apresentados. Desde aquelas que de facto nada fazem de produtivo que justifique o seu sustento, às que foram encaminhadas para os centros de evacuação porque foram vítimas de acusações falsas.

Temos, por exemplo, o caso de Filomena Fernando, mãe de cinco filhos, e que vive maritalmente com o respectivo pai das crianças. Ela é preta e seu marido é branco. Por essa razão, o chefe do quartirão do seu local de residência acusou-a de prostituta. Uma atitude de racismo, sem dúvida.

PUNIR OPORTUNISTAS

Nesta operação houve, como dissemos muitas mulheres que foram vítimas de actuação incorrecta por parte de milicianos e chefes de quartirão.



Bicha para receber comida, num centro de evacuação



Brigada da Secretaria de Estado do Trabalho verificando as fichas dos improditivos



Houve casos de pessoas que foram parar aos centros de evacuação, possuindo cartão de trabalho. Foram soltas

As estruturas competentes foram alertadas para o facto. O Ministro do Interior, Tenente-General Armando Guebuza deslocou-se ao Centro de Evacuação da Machava, onde constatou, em diálogo com as mulheres, vários casos que mereceram ponderação. Armando Guebuza ordenou a soltura imediata de senhoras em estado de gravidez.

No dia seguinte, brigadas móveis do Tribunal de Recurso desloca-

ram-se ao local para proceder a um trabalho mais profundo. Um dos componentes de uma dessas brigadas diria à nossa reportagem.

«Há aqui casos que não se podem admitir. E temos de estudar as coisas de forma a se aplicar justiça e não desviar o verdadeiro sentido e objectivos da operação em curso».

Permitiram-nos que assistíssemos a um julgamento. Um novo julgamento, assim podemos dizer, porque a ré Carolina Tovele já ti-

nha sido condenada pelo tribunal do posto de verificação do seu local de residência, por atraso no pagamento de rendas da casa onde vive. Mas o juiz da brigada do Tribunal de Recurso explicou-lhe:

«Não é este o objectivo da «Ope-

ração Produção». O seu caso deve ser encaminhado para as estruturas da APIE que deverão analisá-lo».

Por causa deste tipo de situações, cuja origem é, na maior parte dos casos, devido a atitudes de

vingança por parte de certos responsáveis de locais de residência, foram detidos vários chefes de quarteirão que terão de responder pelos seus actos perante a justiça. O mesmo aconteceu com alguns milicianos. □